

# DISTORÇÕES SOBRE GÊNERO E A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES EM ENSINO RELIGIOSO

KLUCK, Claudia – UNOPAR  
claudiakluck@gmail.com

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo — PUCPR  
srjunq@uol.com.br

Área Temática: Formação de Professores  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

## Resumo

A manifestação da sexualidade na escola, especialmente quando difere do padrão aceito, são causas incipientes às múltiplas violências praticadas contra jovens e crianças, ultimando no banimento dos “menos iguais”. Isso tem sido justificado pelos valores e aspectos formativos recebidos através das famílias e das religiões no Brasil, especialmente a cristã. Por isso sexualidade e religião devem tornar-se pontos de reflexão, para oportunizar mudanças. A apresentação de alguns textos sagrados a respeito da subserviência feminina e o domínio do modelo patriarcal e a-homoeerótico vem demonstrar a necessidade de conhecimento para mudança de posicionamento. A partir da revisão de textos bíblicos sob a luz da exegese e contextualização histórica é possível perceber as distorções havidas durante a caminhada da humanidade. A re-elaboração de formas de convívio, passa pela melhor formação de professores, que aptos para facilitar o processo de aquisição do conhecimento ensejem um espaço de efetiva constituição de cidadãos que prezem pelo respeito e liberdade, conforme princípios exarados pela LDB de 1996. O espaço que se apresenta nos currículos escolares que melhor se presta a esta função é o Ensino Religioso, e da formação deste docente espera-se uma mudança de paradigmas. Formação que urge em compreender: conhecimento científico, metodologia de ensino, aplicação prática e pesquisa científica e a tão necessária reflexão como forma de subsidiar novos conhecimentos. Tendo em vista a complexidade do tema e como forma de nortear o trabalho optou-se pela abordagem qualitativa utilizando-se, nesta fase, a pesquisa exploratória, por ser capaz de auxiliar o estabelecimento de um instrumento de pesquisa melhor adequado a realidade a ser pesquisada, além da análise documental que forma o estofo teórico tão necessário para o entendimento da temática. O combate a qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência tem na dicotomia ensino-aprendizagem sua mola propulsora - enquanto houver seres ensináveis haverá espaço para o desvelamento ante ao diferente, pois promove o conhecimento de sí mesmo diante das características que tanto podem aproximar quanto afastar.

**Palavras-chave:** Formação de Professores; Ensino Religioso; Gênero.

## Introdução

As múltiplas violências praticadas contra jovens e crianças, especialmente àquelas correlacionadas a manifestação de suas sexualidades na escola, não levando em conta a riqueza de suas identidades, estão intimamente atreladas aos valores e aspectos formativos recebidos através das religiões no Brasil. As potencialidades e interesses acadêmicos são suplantados pelo preconceito multiforme e por um “fazer calar” que talvez ao negar pretenda fazer desaparecer. Diante deste cenário e apesar de controversos, os temas sexualidade e religião exigiram converterem-se em pontos de reflexão.

A violência no ambiente escolar, tanto a constantemente noticiada quanto a silenciosamente praticada, é uma demonstração da urgente necessidade de re-elaborar formas de convívio.

Servir-se do aparato a disposição dos professores, que tanto podem deter a posição de facilitadores da aprendizagem ou, numa posição extrema, de transmissores “formais” de valores na escola, é reconhecer a potencialidade destes em preencher uma lacuna no trabalho de encontro e aceitação àqueles que são “diferentes” – como se neste país a diversidade não fosse a regra.

As comunidades, em todas as suas esferas cabe cumprir ao menos com os princípios da educação, dentre outros, conforme apresentados na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (Brasil, 1996):

- princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana;
- pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania;
- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Tendo em vista o momento de crescente debate quanto a gênero e orientação sexual questionou-se em primeiro plano a influência das religiões hegemônicas brasileiras na formação ou conformação das pessoas, especialmente para as mulheres e os homossexuais. As respostas encontradas indicaram outro questionamento: Como otimizar a transmissão ou a não transmissão, de valores e princípios que contribuem/prejudicam a efetiva permanência de TODOS no processo educativo,

sem distinções de nenhuma forma.

A bibliografia encontrada sobre sexualidade é escassa quando ligada à temática religião. Contudo, não se pode negar a influência das Religiões na formação de conceitos com relação ao gênero, o que resulta também na forma que os povos exercem sua sexualidade.

Buscando relacionar a forma como se dá a vivência com os aspectos sexuais vinculado à vivência daquilo que é sagrado, engedrou-se uma série de questionamentos tentando identificar os pontos que influem na formação de conceitos e da auto estima das pessoas pesquisadas, e para isso foi entrevistado um grupo de pessoas bastante heterogêneo: na diversidade do exercício de sua sexualidade, em idade, formação, classe social e diversidade religiosa. As respostas elucidaram como algumas vertentes religiosas influenciaram na formação das pessoas.

Encontram-se diferentes concepções para a palavra gênero, que pode ser empregado tanto para diferenciar o sexo biológico, determinado pela genitália feminina ou masculina quanto para distinguir as interações sociais.

As religiões, além de outras disciplinas históricas contribuíram para uma distorção nas relações de gênero. Apesar de ser fato que diferenças biológicas não sejam argumentos claros e sustentáveis para justificar as organizações desiguais criadas para manutenção do poder na vida de algumas comunidades, são encontrados no dia-a-dia das brasileiras e brasileiros a marca da desqualificação em quase todos os campos, falas e comportamentos.

## **Desenvolvimento**

Relações de poder são, por vezes, geradoras de instrumentos normativos dentro de diferentes tradições religiosas e fora delas, e historicamente estas relações penderam cedendo vantagens ora para mulheres ora para homens. Houveram ainda momentos em que ambos os gêneros cooperaram e resguardaram o valor mútuo, alicerçando sentimentos de auto-estima e dignidade na identificação de sua posição no mundo.

A participação do feminino nas estruturas religiosas passou por diferentes formas, desde a adoração ao princípio feminino como elemento sagrado gerador de vida, para a negação deste como componente que conduz à sensualidade e à morte.

As religiões, em sua diversidade, apontam para símbolos do masculino com certa freqüência. Mas, nem sempre foi assim na história da humanidade. O feminino já ocupou lugar de destaque no cenário sagrado. Alguns pesquisadores afirmam, baseados em pinturas rupestres e em objetos encontrados, entre outros vestígios do passado, que quando a humanidade vivia nos períodos pré-históricos o ícone que apresentava o 'elemento criador ou deus' seria representado pela figura de uma mulher.

Considerando o Cristianismo no Brasil como credo hegemônico, destacam-se alguns textos específicos que tem servido à (de)formação conceitual e afetiva das pessoas. Isso talvez se dê por ignorância da profundidade dos mesmos, ou quem sabe por servirem à interesses escusos.

No livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, mais especificamente no Antigo Testamento encontram-se duas referências sobre à criação do homem e da mulher, em uma delas Deus criou macho e fêmea à sua semelhança (Gen. 1, 27) e em outro texto Deus criou Adão e dele tirou uma costela, e com ela formou então a mulher. (Gen. 2, 21-22). Estes textos, em geral, contribuem para a subserviência feminina.

O Gênesis Cristão afirma que a serpente ludibriou a mulher e fez com ela comesse do fruto, bem como seu companheiro. A serpente na hermenêutica judaico-cristã é símbolo do mal, rasteja sobre a terra, portanto sobre o mais baixo, o instintivo. A partir do contato da mulher, com este animal é que, como consequência da desobediência da orientação divina, passa a conhecer as dores do parto, possibilitando o nascimento, porém com dor.

Como forma de ilustrar o tratamento desigual entre homens e mulheres Bello (2001) apresenta os seguintes trechos bíblicos, falando a respeito da purificação das parturientes, no Livro do Levítico, em seu capítulo 12 versos de 1 a 5 (TEB) há instruções claras a respeito:

Javé falou a Moisés, dizendo: 'Fala aos filhos de Israel e dizendo-lhes: quando uma mulher conceber e der à luz um menino, ela ficará impura durante sete dias; ficará impura como nos dias de sua menstruação. No oitavo dia o menino será circuncidado; mas ela ficará ainda em casa durante trinta e três dias com o sangue da purificação; não tocará nenhuma coisa santa e não irá ao santuário, até que os dias de sua purificação se cumpram. Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como nos dias de sua menstruação, e ficará em casa durante sessenta e seis dias com o sangue da purificação.

É possível identificar no trecho acima forte carga machista pois a regra impõe prazo dobrado de isolamento para mulheres que tenham concebido uma criança do sexo feminino. Este trecho escrito com vistas aos aspectos ritualísticos, tem também enfoque sanitaria por pretender tratar das causas de contaminações, tendo em vista as precárias condições do contexto no qual foi escrito.

É interessante, neste ponto, chamar a atenção e contrapor aqui o conceito de pureza ou impureza que as culturas imputaram ao sangue menstrual e ao sangue do parto. Nas sociedades matriarcais, de tempos ancestrais, o sangue era sagrado e portanto incluído nos rituais, enquanto que nas sociedades patriarcais foi tornado impuro e a presença de mulheres ‘manchadas’ pelo sangue afastada dos rituais.

Apesar disso é possível perceber nos primórdios do cristianismo, nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, a proclamação da libertação da mulher de sua subserviência tradicional, sugerindo igualdade sexual em relação ao homem, já que “em Cristo não há a distinção entre macho e fêmea” (Bíblia, Livro de Gálatas 3,28).

Como forma de negar a posição igualitária é encontrado no trecho bíblico de I Coríntios 11, versos 7 a 10, indicação de diferentes posicionamentos, especialmente sobre usos e costumes, que tinha em mente o gênero.

Ao analisar todo e qualquer texto sagrado é necessário observar o contexto completo: a realidade da época na qual foi escrito, a cultura local e a localização geográfica, evitando assim distorções em sua interpretação, ou seja textos fora dos contextos que servem apenas de pretexto para dominação ou justificação de abusos.

Neste trecho há indicação clara sobre a necessidade da mulher cobrir sua cabeça com véu e manter os cabelos compridos. Saliente-se que Paulo – presumido autor da carta – fala à uma cidade portuária, que recebia navios do Oriente e do Ocidente, importante centro comercial da época. Isso fez dela uma cidade dissoluta onde reinava a devassidão, a luxúria e a licenciosidade. A presença de marinheiros e viajantes fez da prostituição prática comum, assim as prostitutas, também para serem identificadas pelos homens, mantinham os cabelos cortados ou raspados.

Interessante notar que esta orientação paulina, é dirigida apenas e especificamente para igreja de Corinto. Não há outro texto, de autoria atribuída à Paulo para outras comunidades com esse sentido.

O foco da carta paulina é a situação das novas convertidas – inclusive

prostitutas, que eram orientadas à manter-se cobertas com o véu até que seus cabelos crescessem, diferenciando-as das que não tinham aderido ao culto cristão.

Também muito utilizado, e especialmente nebuloso, é o trecho do livro de Efésios, que versa sobre o homem ser o cabeça da mulher, utilizado amplamente para desrespeitar a mulher em seus direitos e possibilidades.

As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, Ele, o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, assim as mulheres estejam sujeitas em tudo a seus maridos. (Carta aos Efésios 5, 22-24)

No original Paulo quando fala em cabeça, de acordo com a língua Grega, utilizada na época, poderia ter usado duas palavras: *arché* ou *kephalé*.

*Arché* denotaria autoridade, o que poderia inferir o sentido de governante. Por sua vez *kephalé* significa apenas cabeça – raiz semântica da palavra cefaléia. *Kephalé* é ainda um termo militar que designa “aquele que lidera, que vai à frente”, não como um general, mas, sim, como o batedor que vai à frente no campo de batalha, que se expõe primeiro ao perigo a fim de proteger e guiar aos que o seguirem. Assim a liderança do marido como cabeça indica ele se expondo para proteger, seguindo a ordem, que precisa ser conhecida, de seu superior (Deus).

Paulo conhecia bem as duas palavras, afinal é apresentado nas escrituras como sendo muito instruído. Ao escolher *kephalé* ensina que o marido deve ser aquele que protege indo à frente dos seus, servindo-os e dando por eles a própria vida, como Cristo fez pela igreja<sup>1</sup>.

No caso da intolerância à homossexualidade são encontradas algumas referências bíblicas usadas para tal posicionamento. No Livro I Coríntios, capítulo 6, versículo 10, o autor nomeia como efeminados aqueles que não terão o direito de herdar o Reino dos Céus. Alguns estudiosos da Palavra, defensores das práticas homoeróticas, argumentam que a palavra grega *malakós*, utilizada no texto em referência, tem seu sentido literal como “mole, macio, suave”. Porém algumas versões respeitadas das Escrituras, traduzem esse termo por termos equivalentes a homossexual. A conhecida versão *King James Version* apresenta o vocábulo

---

<sup>1</sup> ASSUMPCÃO s.d, s.p.

*effeminate*, e a *New Internacional Version* (NVI), *homosexual*. No espanhol a *Versión de Casiodoro de Reina* emprega *afeminado*.

Além dos valores expressos pela cristandade, existem outros fatores que se contrapõem a posição homossexual, preferindo utilizar-se do termo a-homossexual por posicionamento de não aceitação da prática, preferindo-o a utilização do “homofóbico”, por entender diferenças entre medo irracional, que leva a perseguição, violência e assassinato. Desta forma seria possível encontrar, na sociedade, tanto o repúdio às relações ou comportamentos homoeróticos como aos heteroeróticos, demonstrados na repulsa que causa aos homossexuais esse tipo de relação.

Ao se estabelecer a relação de poder entre os gêneros inúmeras crueldades foram sendo cometidas e na ‘idade das trevas’ muitas pessoas foram perseguidas e executadas injustamente em nome da fé, em nome de um deus único, que abarcava o desejo humano de hegemonia, de supremacia, este deus estava acima de todos os outros, portanto a morte se justificava pela manutenção da ‘fé reinante’.

### ***Resultados Preliminares da Pesquisa***

Devido à natureza do estudo e dos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica por meio da modalidade de análise documental e exploratória.

Pode ser qualificada como Pesquisa Qualitativa, conforme apresentado por GODOY (1995.a, p. 62), por apresentar as seguintes características: a) tem no ambiente natural sua fonte direta de dados; b) a figura do pesquisador o instrumento para obtenção de dados; c) possui caráter descritivo; d) baseia-se no significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; e) possui enfoque indutivo – por isso

Serviu-se no primeiro momento, além de análise documental sobre a temática, de pesquisa exploratória, que pode ser qualificada, de acordo com Theodorson e Theodorson (1970), como um estudo preliminar em que o maior objetivo é tornar familiar o fenômeno que se quer investigar, de maneira que o estudo principal a seguir será planejado com grande entendimento e precisão.

Como forma de complementar a reflexão sobre a questão de relações dos gêneros atrelada ao Ensino Religioso, foram formuladas entrevistas para vislumbrar o ideário a cerca do tema junto à mulheres e homossexuais de ambos os sexos, com

idades entre 19 e 72 anos

Dar voz às vivências mostrou um aspecto especialmente desafiador por ir além do debruçar-se sobre bibliografia específica, até por conta da escassez de publicação unindo as duas temáticas, tentando discernir o quadro atual da temática e suas implicações.

Em primeiro plano o repto que se descortinou é obter informações sobre a vivência religiosa e orientação sexual, especialmente quando difere do padrão estabelecido, a heterossexualidade, vinculada à experiência, e talvez vivência no meio religioso.

No decorrer da pesquisa, até este ponto, foi possível identificar, na opinião dos respondentes que a formação judaico-cristã abarca no modelo patriarcal um meio justificável para a dominação da mulher. Já sobre a homossexualidade está claro, no modelo vigente, ser de convívio suportável desde que reprimida e sua prática preferivelmente abandonada.

Sobre o público atingido pela pesquisa é possível identificar a dedicação profissional, em sua maioria, na área de humanas. O nível de escolaridade ultrapassa os 80% com formação superior e com relação a fé praticada mais de 60% diz professar a fé católica, porém seria necessário ponderar quanto aos conceitos de praticantes ou não desta religião, o que remete a um aprofundamento neste quesito.

Alguns outros aspectos foram abordados que serviram para um aprofundamento preliminar sobre a temática, conforme premissas da pesquisa exploratória. O público consultado foi levado a descrever sua vivência religiosa na infância e adolescência, e o grupo demonstrou que até no máximo os 18 anos, aproximadamente 60% deles tinham uma participação ativa, ou seja frequentavam suas práticas religiosas por vontade própria, porém, o índice de dissidentes da igreja foi o mesmo após a maioridade. Apenas 25% do grupo optou na fase adulta pela religião que professa atualmente.

Ao questionar algum fato marcante dentro da instituição religiosa de origem, menos da metade dos respondentes relata ter havido algum, sendo que foram considerados também fatos que pudessem ter marcado negativamente.

Entre outros aspectos, no afã de entender a influência direta das religiões na vidas das pessoas, foram argüidos ainda:

- se a religião na qual foram iniciados, quando criança, foi a assumida na fase adulta, o que não se confirmou até este ponto;

- sobre a frequência a um espaço físico (igreja, templo, sala de reunião, etc.) foi encontrado um grupo que vivencia sua espiritualidade independente da frequência a um espaço físico;

- sobre quem seria Deus: houve recorrência em referir-se a Deus como pai, força, ser supremo e energia. É perceptível que a grande maioria das respostas denotam a relação com um deus distante.

- para que explicassem, a partir do cotidiano de cada um, a experiência religiosa. Menos de um terço das respostas indicam que essa experiência tem sentido no momento de comunhão, sempre visando o bem do outro, o que remete a um paradigma humanitário de religiosidade.

Ao aprofundar a temática religião e gênero buscou-se entender a interpretação de corpo e sexualidade, a partir da experiência religiosa, no grupo entrevistado não há um consenso, o que indica a necessidade de aprofundamento.

Quando questionados se a identidade sexual e gênero influenciaram a vida espiritual, foram encontrados indícios da cisão entre vida sexual e vida espiritual. Foi apresentado o entendimento que é necessário equilíbrio entre as duas para alcançar a completude do ser, dentre outras respostas uma chama atenção ao indicar a ligação entre a espiritualidade e arte.

Ao serem levados a refletir a respeito das relações existentes entre religião, sexo e amor, a maioria considerar temas independentes entre si. Porém, vale a pena destacar duas contribuições que traduzem a importância da temática: "Religião é uma necessidade assim como o sexo, o amor é fundamental nas duas [tanto na religião quanto no sexo]"; e "Sexo, religião e amor tudo é vida. Tudo faz parte do ser humano."

Quando perguntados sobre a forma que a religião institucionalizada deveria compreender e lidar com a questão da sexualidade humana, houve consenso que a igreja enfrenta a temática, a priori, a partir da repressão e desemboca na negação dos impulsos homossexuais. As contribuições que refletem os anseios dos entrevistados indicam que as instituições deveriam focar o amor; entendendo e discutindo a questão do prazer, conferindo liberdade às pessoas e oferecendo apoio. Foi

interessante observar a fala de um dos entrevistados "a religião trata da sexualidade, nenhuma religião explica a homossexualidade" há implícito o desejo de busca por explicações, e quiçá acolhimento.

O espaço do feminino nas tradições religiosas e o espaço de pessoas cuja orientação sexual diferencia-se do convencional são apontadas de forma diferente, pelo grupo homossexual. É possível perceber a existência do espaço do feminino, contrariamente a participação das pessoas cuja orientação sexual diferencia-se do convencional.

Para as pessoas entrevistadas a vida e suas possibilidades não são excludentes da prática da vida espiritual, mas sim são causadoras desta.

Em se tratando das questões que envolvem a sexualidade, a força das instituições é bastante marcante, na tentativa de conduzir as pessoas para comportamentos "adequados". Sobre as questões que refletem acerca da homossexualidade a maioria das mulheres se colocou a favor do respeito e da liberdade para com a vivência sexual de cada um.

As questões são abordadas de maneira diferente, porém, pode-se notar que as pessoas respondem por meio de sua concepção pessoal, própria maneira de ver orientada pela sua espiritualidade ou de maneira impessoal, conforme o que aprendeu nos ditames de sua instituição religiosa.

O universo religioso das pessoas entrevistadas foi o mais diverso possível, isso também por conta da diversidade de credos e povos existente no Brasil. Isso se reflete no Ensino Religioso com a necessidade premente de formação para a diversidade, que poderá resultar em acolhimento sem distinções, só possível quando o momento em sala for oportunidade de abertura respeitosa e encontro sem reservas.

### *Considerações Finais*

Apesar de ser o estado Brasileiro Laico, e conseqüentemente laica a Educação praticada no país, a vergonha no meio acadêmico, que transforma a vida de homens e mulheres em masmorras psicológicas se chama Intolerância, e alguns indicam o Ensino Religioso como promotor de posicionamentos contrários ao bem pensar e pensar com profundidade questões sobre as relações entre os gêneros, tendo em vista

os princípios formativo da religião no Brasil.

O preconceito, a exclusão e a discriminação vão muito além do apregoados pelos “defensores” de alguns grupos da sociedade. A falta de tolerância, ou melhor dizendo: a falta de acolhimento se inicia na falência dos relacionamentos primeiros, e pode ser percebida em muitos ramais da vida adulta: profissional, familiar, educacional, social e também naqueles de cunho religioso.

O respeito ao outro e a sua diversidade está fragmentado, pois até mesmo a formação acadêmica prefere algumas cadeiras às outras, consideradas, talvez, menos científicas.

A influência das religiões na formação das pessoas no Brasil, especialmente a Cristã é notória, especialmente com relação às relações de gênero. Alguns fatores são responsáveis por isso: a) falta de conhecimento do sentido profundo das palavras; b) desconhecimento do contexto geográfico e cultural; c) desconhecimento do contexto histórico e suas interrelações.

A formação de mulheres e homens, com relação às religiões indica haver necessidade urgente de criar um arsenal de pessoas livres, respeitadas e destemidas quanto ao diferente. As respostas encontradas, como forma de otimizar a transmissão de valores e princípios que contribuam a efetiva permanência de TODOS no processo educativo, sem distinções de nenhuma forma, indicou o Ensino Religioso como espaço privilegiadíssimo.

O Ensino Religioso ao discutir especialmente por meio dos textos sagrados das diferentes comunidades os aspectos do ethos, da busca pela alteridade pode colaborar na compreensão das orientações destes grupos, visando explicitar os argumentos que permitam os indivíduos assumirem sua identidade em todos os aspectos. De forma nenhuma o conhecimento, sob forma deste ou de qualquer outro componente curricular deve servir para discriminar ou excluir pessoas.

Os princípios norteadores da educação de respeito à liberdade e apreço à tolerância, como afirma o quarto parágrafo do artigo 3º da LDB 9394/96 – Carta Magna da Educação vigente no país, indicou que a Educação é sim um caminho profícuo para esta empreitada.

No momento exato em que a Educação é acusada por fomentar ações homofóbicas, mais especificamente através da disciplina de Ensino Religioso, se faz

urgente uma reflexão criteriosa a respeito do papel da Educação na transmissão de valores sobre a diversidade e a sexualidade.

As questões sobre orientação sexual e religião deixaram de constar nas conversas na medida mesma em que o fenômeno da falência das instituições, inclusive as religiosas, tem sido verificado na sociedade atual. Um dos lugares ainda 'isentos' é a escola e é só através da formação do docente que será possível manter aberto este lócus privilegiado de quebra de antigos paradigmas e produção do conhecimento.

Além disso questionar a formação das pessoas vinculada aos aspectos religiosos nasce da realidade, que se impõe à escola, de discutir sexualidade e as relações dos gêneros, como uma possibilidade em entender o diferente e aprender com ele, e propõe a imersão tão necessária a um universo carregado de simbolismos e que muitas vezes é considerado mundo da hegemonia masculina.

Servir-se do Ensino Religioso, e de outros espaços formativos, é demonstrar uma resistência e conduzir a reflexão a respeito destes e de outros aspectos intrigantes. Uma dessas questões é a Sexualidade, que nos dois últimos séculos tornou-se tema privilegiado de estudo das ciências, de grupos religiosos, e de educadores, que querem buscar levantar questões de discussão a fim de promover o respeito e o combate à discriminação a partir do conhecimento e da desmistificação.

O artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394 de 1996, com nova redação através da Lei 9.475 de 1997, legisla sobre a disciplina da seguinte forma:

Art.33º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição do ensino religioso.

A Lei, ampla e por isso mesmo ambígua, confere aos Conselhos Estaduais de Ensino uma co-responsabilidade e espera que estes venham preencher os espaços

deixados, até por conta do contexto e das diferentes realidades por esse Brasil afora.

Existe ainda a possibilidade de cada instituição escolar adaptar-se à lei através do Projeto Político Pedagógico, o que torna o ensino ainda mais próximo da realidade na qual a escola está inserida, desde que construído efetivamente ouvindo anseios e vozes da coletividade.

Para a prática de um ensino religioso que respeite os princípios da lei – com relação à laicidade do Estado e de princípios não proselitistas, é necessário tanto na formação dos professores quanto na elaboração do projeto político pedagógico é necessário refletir e fazer refletir que na sociedade brasileira, de formação, a princípio, judaica-cristã, tem em seu bojo caracteres medievais, e que a bem pouco tempo ainda atrelava as ações do estado ao controle das anotações da igreja, a saber: casamentos, nascimentos e falecimentos.

Apesar dos avanços no sentido da laicidade do estado, é possível perceber na constituição federal apenas três categorias para o exercício religioso: o sacerdote católico, o judaico e o de confissão evangélica. E onde estão representadas as religiões não cristãs na Carta Magna Brasileira?

Da mesma forma que ao incluir a maioria das expressões religiosas da sociedade, sob a égide da lei, poderá garantir o direito a livre expressão e culto, considerar com respeito àqueles que exercem sua sexualidade de forma diferente do padrão dito como “normalidade” pode garantir que as crianças e jovens possam apurar o olhar, viabilizando VER com olhos sensíveis os anseios dos diferentes.

A solução passa necessariamente pela formação do professor de Ensino Religioso, que deve contemplar ao menos três quesitos.

A dicotomia teoria-prática posta em ação conforme a Resolução CNE/CP 2, de 19/02/02:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns.  
I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;  
II- 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;

Unir na formação o exercício da reflexão vinculado à prática deve garantir um

profissional atento ao seu entorno e que traz em seu bojo o comprometimento com outros e outras no processo. Então nisso o estágio se dá, também, como garantia de fazer entender ao futuro profissional a tão necessária imersão na realidade para respeitar as diferentes necessidades discentes.

As situações cotidianas deste profissional, assim como seu público atendido, são únicas. E por vezes o melhor planejamento precisa ser ajustado em tempo real durante uma aula ou encontro com seus alunos – que indicam naquele exato momento uma forma de abordagem que melhor colabore para alcançar os objetivos propostos.

É necessário criar um arsenal de conhecimentos que possibilitem uma ação eficaz, entendendo ser impossível manter alunos e professores motivados partindo da improvisação vazia. É necessário deter e mobilizar conhecimentos para só então intuir, fomentar discussões e a partir daí improvisar com foco em atitudes que torne o conhecimento cada vez mais eficaz possível.

Também por isso é indicada na formação de professores de Ensino Religioso a pesquisa sistemática, que ofereça como frutos embasamento sólido e conclusões que indiquem um movimento cíclico de busca e encontro no desenvolvimento dos alunos, na compreensão da realidade e na autonomia destes para a interpretação dos fatos de maneira isenta de tendências de qualquer gênero, assegurando assim um ensino com autoridade do saber e da vivência, assim como apregoado no Sermão do Monte, pelo autor da Pedagogia do Exemplo – Jesus, o Cristo.

Estas constatações não encerram o processo crítico-reflexivo sobre a formação de professores, em especial para o Ensino Religioso, também como forma de combater qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência. Ao contrário indicam a urgência em encontrar um caminho diferente para as futuras gerações, ou um ritmo diferente no passo, que dê conta de diferentes caminhantes num mesmo caminho. É certo que na chegada todos terão visto as mesmas paisagens, alguns deleitarão o olhar com as pedras, outros com a vegetação e outros, não terão uma visão detalhada, saborearão apenas os odores da terra, das matas e dos outros caminhantes.

É importante o caminhar – e o embasamento de cada novo passo!

## REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. **O poder da religião na educação da mulher**. Pedagogia em Foco Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm>> Acesso em: 23.abr.2004.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA. V. T. Thompson. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Contemporânea. São Paulo. Vida, 1995.

BRASIL, Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**.

BRASIL/CNE. **Resolução CNE/CP 2/2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

GODOY, Arilda S., **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar./Abr.1995a,p. 62.

NICHOLSON, Shirley (org). **O novo despertar da deusa**. O princípio feminino hoje. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

THEODORSON, G.A; THEODORSON, A.G. **A modern dictionary of sociology**. New York: Crowell, 1970

**TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA (TEB)**. São Paulo. Edições Loyola, 1994.